

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

1 – Mandantes e executantes, métodos e práticas. Os ataques à Constituição, aos direitos, à democracia, à independência e soberania nacional. As conquistas destruídas.

2 – 38 anos de resistência e luta dos trabalhadores e do povo. Os valores de Abril, fonte de força essencial da resistência e da luta.

O processo revolucionário de 25 de Abril de 1974 teve antecedentes decisivos na resistência ao fascismo, na luta clandestina e semi-legal, nas heróicas dezenas de anos de organização, de intervenção operária e popular, de criação de condições para uma abertura cada vez maior à participação dos trabalhadores, dos intelectuais e do povo, das classes e camadas mais desfavorecidas, na luta contra o fascismo, pela liberdade e pelos direitos fundamentais que vieram a ser conquistados antes e depois de Abril e consignados na Constituição da República Portuguesa em 1976.

Todas essas frentes de luta e de acção foram marcadas pelas diferenças e interesses de classe. O entendimento que os republicanos, socialistas e outros tinham da liberdade e da revolução de 5 de Outubro de 1910 veio a manifestar-se rapidamente na repressão às lutas e greves dos trabalhadores, tal como se manifestou na impossibilidade de resolverem os problemas e interesses essenciais do povo e do país, na participação ruínosa na guerra de 1914-18, no incremento capitalista e explorador, na ocupação mais acentuada das então

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

colónias, na criação de desistências, de fugas e de condições para o golpe militar de 28 de Maio de 1926, na abdicação e no desaparecimento desses partidos logo depois do golpe reaccionário e nos primeiros anos do fascismo.

Convirá trazer isto à reflexão, de forma sucinta, para melhor enquadrarmos o aparecimento de outra organização mais avançada entre os trabalhadores, o PCP, ainda antes do advento do fascismo, e como depois, ao longo de 48 anos, a classe operária e seus aliados foram marcando decisivamente a resistência clandestina ao fascismo e as organizações unitárias, sindicais e associativas na caminhada de luta pelas liberdades, pelo trabalho e direitos fundamentais, por um melhor futuro deste país e deste povo.

As questões da emigração em massa para países da Europa e da guerra colonial, juntamente com o ascenso dos grupos capitalistas, da industrialização e da criação de sectores fortes na produção, trouxeram mais operariado e consciência política, social e cultural a classes e camadas importantes para o desenvolvimento de uma maior actividade organizada nas áreas política, sindical, social, associativa e cultural, com frentes unitárias materializadas no movimento democrático e na criação da Intersindical em 1970.

O golpe militar de 25 de Abril de 1974, na sua preparação e realização, tinha um projecto que, noutras circunstâncias, poderia ter falhado ou poderia ter ficado por isso, se não fossem as lutas da classe operária e das massas populares, os trabalhadores organizados e a adesão de militares progressistas a outros objectivos e desenvolvimentos.

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

Não houve apenas aquela transição de poder tão do agrado de Spínola e seus acompanhantes; houve a acção organizada que envolveu a classe operária, os sindicatos e trabalhadores de sectores decisivos, o Movimento das Forças Armadas, as populações que aderiam ao 25 de Abril e conquistavam, passo a passo, melhores condições de vida e de futuro, num levantamento popular e militar que transformou decisivamente a realidade do país e teve profundas repercussões internacionais.

No processo que se seguiu, ficou rapidamente claro quem estava de facto com as liberdades de reunião, de expressão e de organização política e associativa; quem lutava por direitos fundamentais; quem queria o fim da guerra colonial e defendia a independência das colónias, a paz e a amizade entre todos os povos e nações, quem conquistava e organizava o poder local democrático, quem apontava caminhos para a nacionalização e o desenvolvimento dos sectores fundamentais na indústria, na agricultura e nas pescas, nos sectores da banca e de serviços essenciais para a democracia e para a libertação de Portugal do imperialismo e dessa colonização estrangeira que marcava este país simultaneamente ocupante de países e povos e dependente das grandes potências e da NATO.

Então, em 1974 e 1975, os revolucionários afirmavam-se na revolução e os contra-revolucionários como Mário Soares e Sá Carneiro agiam na sombra dos conluios com Kissinger e com Spínola, desde logo na tentativa do golpe Palma Carlos, e depois na manifestação da "maioria silenciosa" apoiada abertamente

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

pelos partidos da extrema-direita e pelo PPD, pelas forças do passado e também pelo PS, por exemplo através do então ministro da Justiça, Salgado Zenha, em Conselho de Ministros convocado por Spínola.

Na conquista de mais força para a revolução de Abril, na política diária de combates e nesses acontecimentos preparados pela reacção e perigosos para a democracia e o futuro de Portugal, estiveram forças políticas, sindicais e sociais coerentes, estiveram os militares do MFA que eram progressistas e revolucionários, nas múltiplas e contraditórias situações e na complexidade dos processos. E esteve esse homem fundamental que homenageamos neste Congresso Conquistas da Revolução, o primeiro Primeiro-ministro dos trabalhadores e do povo na história de Portugal, o companheiro e amigo General Vasco Gonçalves.

No livro que recentemente publicámos, “Vasco, Nome de Abril”, e no livro com uma imensa e impressionante entrevista dada a Manuela Cruzeiro, “Vasco Gonçalves, um General na Revolução”, entre outros livros e documentos, estão a grandeza e a simplicidade revolucionária que marcaram decisivamente e para sempre uma grande figura humana e construtora da nossa história e futuro.

Desde a preparação do 25 de Abril de 1974, desde toda a sua vida como militar e cidadão, ele foi íntegro e valioso na criação de consciências e visões sociais, políticas e culturais diferentes e operativas, desde logo nos seus companheiros de armas e nos seus conhecimentos e amizades. Foi fundamental na unidade entre os

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

militares que prepararam o golpe militar e o programa do MFA; foi lutador consciente e determinado como 1º Ministro de quatro governos provisórios, nas nacionalizações, na reforma agrária, nas conquistas da revolução que impulsionaram determinadamente o processo ascendente do 25 de Abril, antes e depois do golpe contra-revolucionário de 11 de Março de 1975.

Sabemos o que foi a preparação do 25 de Novembro de 1975, a implicação de militares e civis, apoiados interna e externamente, com armas e explosivos para os assaltos e incêndios de centros de trabalho do PCP, sedes do MDP/CDE e sindicatos e realização de atentados bombistas, nessa participação activa das forças reacionárias, do ELP, MDLP, PPD, CDS e de Mário Soares, Carlucci, Estados Unidos da América, CIA e outros serviços secretos, por exemplo ingleses, alemães e franceses; conhecemos hoje os livros, as entrevistas, as declarações de mandantes e executantes, os seus métodos e práticas, nessas cruzadas assassinas que iriam desembocar no ataque à chamada “Comuna de Lisboa”, como queriam Mário Soares e seus acompanhantes na ida para o Norte, fugindo de acontecimentos que se desenrolaram na região de Lisboa e que levaram, em extremo, à travagem do processo revolucionário e, também, a impedimentos de maior contra-revolução que pretendia ser destruidora de forças políticas e sindicais, das liberdades, das conquistas alcançadas e do 25 de Abril.

A construção do regime democrático, os direitos, liberdades e garantias, as nacionalizações da banca e sectores básicos, a reforma agrária, o poder local democrático, os direitos laborais, o

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

controlo de gestão, a independência e soberania nacionais foram assegurados e continuados, no essencial, tendo sido consagrados na Constituição da República Portuguesa, aprovada e promulgada em 2 de Abril de 1976.

O papel dos grupos esquerdistas antes do 25 de Abril e depois, por exemplo no ataque à Embaixada de Espanha e saque de património, levando à possibilidade de intervenção espanhola contra a revolução portuguesa, nos meandros do apoio franquista à PIDE, aos legionários, a Sá Carneiro e a tantas figuras e sectores reaccionários; as atitudes contraditórias e perigosas de Otelo Saraiva de Carvalho, no apoio, desapoio e ataques a Vasco Gonçalves e aos militares progressistas, na instigação de situações que levariam e levaram a situações difíceis, até ao seu comportamento provocatório e de fuga para casa no 25 de Novembro; o “Grupo dos Nove”, com o seu documento divisionista e impulsor da contra-revolução mais organizada e vencedora em 25 de Novembro; as atitudes de alguns destes militares na contenção da fuga de Soares e outros para o Norte, à procura da guerra civil contra aquilo a que chamaram “a Comuna de Lisboa”, o PCP, a CGTP-IN, os sindicatos, os trabalhadores e o povo; a declaração de Melo Antunes e as orientações de Ramalho Eanes, contrariando militares ultra-reaccionários determinados a avançar na destruição da democracia e ataque sempre ambicionado às forças revolucionárias; todo o processo de resistência da classe operária, dos trabalhadores, da CGTP-IN e dos sindicatos, dos partidos políticos coerentes e revolucionários, ao longo de 38 anos, ou 40, melhor dizendo, sempre combatendo a contra-revolução e os governos do PS, PSD e CDS-PP, até agora,

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

até este governo de Passos Coelho e Portas, levariam a um maior esforço de vos trazer elementos, situações, afirmações e acontecimentos que estão na nossa memória, nas lutas travadas, no presente violento e envenenado que nos mobiliza para lutar. Não querendo nem podendo ser mais pormenorizado e concreto, aqui vos deixamos esta intervenção que será, com outras que preparámos e pedimos, um ponto de partida para a nossa reflexão e participação activa neste 3º painel do Congresso Conquistas da Revolução.

Contudo, adiantamos algumas notas e elementos de análise e discussão.

Desde o 1º governo constitucional, do PS e de Mário Soares, a contra-revolução instalou-se mais fortemente a nível institucional, no Governo e na Assembleia da República, na destruição de conquistas fundamentais como a Reforma Agrária no Alentejo e Ribatejo, sobretudo com a chamada Lei Barreto; na destruição da economia, no ataque a sectores essenciais do aparelho produtivo, no agravamento da exploração dos trabalhadores e do povo; no início da liquidação de direitos fundamentais ao trabalho, à melhoria da vida económica, educativa, social e cultural; na desagregação da democracia, no sacrifício de interesses nacionais a interesses estrangeiros, na perda crescente de elementos básicos da soberania e independência nacionais.

As forças políticas, sindicais, sociais e culturais coerentes e revolucionárias assumiram sempre as suas responsabilidades na oposição às políticas reaccionárias do 1º governo constitucional do

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

PS e Mário Soares, do governo do PS com o CDS e de sucessivos governos do PPD/PSD, CDS e PS, que prosseguiram na destruição de grandes conquistas e realizações da Revolução de 25 de Abril, na restauração de grupos monopolistas e latifúndios e do seu poder económico e político.

Acerca da acção continuada do PS e de Mário Soares, podemos recordar as palavras de Spínola, numa entrevista ao Expresso, em 30 de Abril de 1994: “foi um homem que, durante o governo de Palma Carlos, sempre me expôs, com a máxima lealdade, as suas opiniões e me alertou para os perigos que o País estava a correr, com base na actuação do PCP”; podíamos lembrar o que Mário Soares disse sobre o 11 de Março e a sua ida à manifestação de massas e apoio às nacionalizações: “Aguentei o 11 de Março para que houvesse eleições. O PCP não queria eleições”; na sua ida a uma recepção na embaixada americana em Lisboa, quando Vasco Gonçalves dissera, em conselho de ministros, que ninguém do governo deveria ir a essa recepção, declarando Mário Soares, mais tarde, que “os americanos não esqueceram o meu gesto”; na declaração sobre Frank Carlucci, quanto à sua intervenção no processo contra-revolucionário e a cumplicidade estreita e a acção organizada que tiveram: “Carlucci limitou-se a fazer, lucidamente, um diagnóstico muito simples – quem poderia “salvar” Portugal da ameaça totalitária?”; na ajuda noticiada, quando Soares estava em reuniões em Washington, de que o governo americano enviaria fundos canalizados pela CIA, através de partidos e sindicatos da Europa Ocidental, para financiar a contra-revolução; na entrega de blindados por Carlucci e criação da Brigada NATO, nos esforços com o imperialismo para os militares

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

regressarem aos quartéis e tirá-los da política; na perseguição a oficiais, sargentos e praças, antes e depois do 25 de Novembro de 1975; na campanha contra Costa Gomes, tentando provocar a sua demissão da presidência da República antes de promulgar a Constituição, em 1976, - Mário Soares, o PS, o PPD e o CDS, desde a formação do 1º governo constitucional e seguintes, prosseguiram objectivos de extinção de dinâmicas revolucionárias e democráticas, no desencadeamento de processos de recuperação capitalista, latifundiária e imperialista que a AD e Sá Carneiro iriam continuar, para Soares retomar mais tarde, na chamada integração na CEE, já no meio da venda e destruição mais acentuada de empresas e sectores da reparação naval, da metalurgia, de transportes marítimos e terrestres, de entrega de bancos nacionalizados a velhos e novos capitalistas, numa corrupção que marcava a actividade governativa e que veio a acentuar-se com Cavaco Silva e a maioria absoluta do PPD/PSD em 1987.

Não esquecemos nem podemos esquecer o que foi a corrupção instalada durante os governos do PS e de Mário Soares, Guterres e José Sócrates; Rui Mateus e os financiamentos de Macau e do imperialismo, Armando Vara e outros intermediários do dinheiro e dos negócios e enriquecimentos; Cavaco Silva, o PPD/PSD e a privatização de 2.000 empresas logo que conseguiram a maioria absoluta em 1987, culminando nesse escândalo da ligação e cobertura à corrupção e financiamento do BPN pelo dinheiro dos contribuintes; e agora a cobertura e tentativa de silenciamento dos escândalos do BES, lesando novamente o povo português, os ataques a sectores fundamentais dos transportes, ANA-EP, CP, Metropolitano de Lisboa e Porto e

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

Carris, à EGF, a direitos naturais e legítimos do Estado e das populações nas áreas da água e do ambiente, à alienação de empresas seguradoras, dos CTT, da PT, da REN e EDP, entre outras, à entrega mais acentuada de Portugal e das nossas riquezas e soberania a interesses monopolistas e imperialistas.

Tudo isto e muito mais foi e é feito deliberadamente à margem e em confronto com a Constituição da República Portuguesa.

Aliás, para não dizerem que andamos a dormir quanto ao que se passa na cidade de Lisboa e no país, queremos aqui lembrar que as “flores” plantadas à beira-rio por António Costa e o PS, para enganar os tolos, servem para ocultar a grande operação de destruição de 29 freguesias em Lisboa e a desagregação da estrutura de serviços da Câmara Municipal, que nos trouxe, recentemente, inundações e prejuízos como já se não viam há muitos anos.

A chamada reorganização administrativa da cidade foi negociada por António Costa e o governo PSD-CDS-PP, abrindo portas à destruição de 1.100 freguesias no país e à preparação da eliminação de vários municípios que está na forja do grande centro de interesses PS-PSD. A venda dos terrenos do aeroporto pelo PS e António Costa ao governo actual permitiu a entrega da ANA Aeroportos ao capital internacional, com a consequente perda da soberania nacional sobre o nosso espaço aéreo. O acerto e conluio entre o PS e António Costa e o governo PSD-CDS-PP resultou numa ofensiva contra os hospitais da zona central de Lisboa, na

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

aprovação de um projecto de intervenção na chamada Colina de Santana que levará ao encerramento dos hospitais de S. José, Capuchos e Santa Marta. O negócio da água e do saneamento é preparado entre António Costa e o governo PSD/CDS-PP através da venda do saneamento em baixa pela Câmara à EPAL e ao governo, com vista a esta empresa ser privatizada.

Por outro lado, o PS na Câmara e o governo preparam a passagem da CARRIS e do Metropolitano de Lisboa para a Câmara do PS e de António Costa, na antecâmara para a entrada de privados no negócio. Entre outras ofensivas conjugadas entre António Costa, o PS, o governo e o capital internacional, deixamos ainda uma nota para o plano de pormenor Luz-Benfica, em que esta Câmara alienou o Museu dos Bombeiros e o mais novo quartel do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa para permitir a ampliação do Hospital da Luz pelo capital privado, e outra nota para o plano de pormenor de Campolide, que permite a alienação de património da penitenciária e a construção de prédios de 8 e 10 andares na Rua Marquês de Fronteira e à volta do que é hoje o núcleo central daquela zona histórica e emblemática de Lisboa.

Os projectos e negócios entre o grande centrão de interesses do PS, PSD/CDS-PP aí estão para quem quer ver a realidade e não as novas e sempre velhas ilusões que nos têm levado a esta situação de crise e miséria de política, de ética e de futuro comprometido.

Há clientelas políticas e culturais balofas que se deixam levar nos embrulhos macios de António Costa, nos cravos atirados da

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

lapela e dos acenos e gestos fáceis de aparente esquerda. Mas a realidade é outra e aponta para novos cozinhados de centros de negócios, velhos e novos acordos com Costa, Rui Rio e o PSD, leis contra o poder local, contra a democracia e as conquistas de Abril.

Há uma questão essencial que não podemos perder de vista. É que o grande capital e o imperialismo mudam as caras e as pedras do xadrez das realidades políticas sem apelo nem agravo, soprando peões e bispos que lhes agradam e deitando fora os balões que se esvaziaram e já não lhes servem para conservarem e dominarem os poderes político e económico, os negócios e a alienação através dos grandes meios de comunicação e formatação de mentalidades.

Sobre a questão do apoio político, técnico e financeiro dos Estados Unidos da América, de partidos e sindicatos da Europa Ocidental ao PS e à contra-revolução, podemos acentuar que, com a revolução de 25 de Abril, a dita social-democracia e o dito socialismo democrático deixaram mais claramente de ser o tampão político e social contra a influência da URSS e demais países socialistas e passaram a assumir-se publicamente como aquilo que sempre foram, criados obedientes dos interesses do imperialismo norte-americano e da NATO.

A Lei 46/77, de delimitação dos sectores, a Lei Barreto, a Lei das Indemnizações e códigos de investimento estrangeiro, o Decreto-Lei 406/83, que abriu ao capital privado sectores básicos estratégicos, a Lei 44/88, de alienação de 49% do capital nas

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

empresas; as revisões da Constituição da República sempre levadas a cabo pelo PS, PPD/PSD e CDS-PP; a lei dos contratos a prazo e recibos verdes, a lei dos despedimentos do governo de Cavaco, a flexibilização dos horários de trabalho e pacotes laborais do PS de Guterres e Sócrates, dos governos do PSD, Durão Barroso e Santana Lopes; as ofensivas e destruições operadas pelos governos PS e José Sócrates, PPD/PSD e CDS-PP, Passos Coelho e Paulo Portas; os novos ataques ao poder local, com a destruição de mais de mil freguesias e criação de dificuldades financeiras aos municípios; o desemprego que leva à emigração de centenas de milhar de jovens; os ataques aos direitos laborais, aos trabalhadores da função pública, à segurança social, à saúde e à educação, com encerramentos de escolas e hospitais, à cultura e à ciência e a todos os sectores das nossas vidas; os cortes violentos nas reformas e salários, as destruições que foram e são operadas em serviços públicos essenciais, podem e devem levar a concluir que está em curso uma operação imperialista e mundial que nos atinge, que tem como objectivo enfraquecer e destruir forças políticas, sindicais e sociais revolucionárias que têm um papel fundamental na resistência e na luta contra os governos de direita ao serviço do capital estrangeiro, da destruição da democracia e do nosso futuro como país independente e soberano.

Este Congresso homenageia Vasco Gonçalves e a sua acção revolucionária ao serviço dos trabalhadores, do povo e de Portugal. Mas o melhor caminho para lhe fazermos justiça, para o termos connosco, agora e no futuro, é o caminho de continuar Abril; é estarmos lá, nas lutas e nos combates que motivaram também este Congresso Conquistas da Revolução; para que não se esqueça o

**A contra-revolução. A Resistência.
Perspectivas futuras.**
(Modesto Navarro – Vogal da Direcção)

que estas conquistas foram e são importantes, como valores de Abril, na mudança e na transformação de Portugal, sempre na perspectiva de que a história e a vida dos povos continuam e que “atrás de tempos outros tempos hão-de vir”, desde que os saibamos erguer e construir, na unidade e ao lado de Vasco Gonçalves e de todos os revolucionários da resistência e combate ao fascismo, do 25 de Abril, dos anos de lutas já realizadas e das que é e será necessário continuar a realizar.

Muito obrigado pela vossa atenção.

Viva o 25 de Abril.

Viva a Associação Conquistas da Revolução.